ENSINAR A ORAR
COM O PRÓPRIO CARISMA

CCNA 2019

ET 11 (Evangelica Testificatio), Papa Paulo VI

ENSINAR A ORAR COM O PRÓPRIO CARISMA

AUTORIA – Germán Sánchez Griese

TRADUÇÃO LIVRE – Ammá

FONTE – www.es.catholic.net

UMA OLHADELA SOBRE O MUNDO ATUAL

A situação do cristianismo, nos inícios do século XXI, não é nada animadora. Não sem fundamento começa-se a chamar a estes tempos com o epíteto de *tempos pós-cristãos.* Os valores que deram origem a uma cultura essencialmente cristã foram superados pelos valores laicos que estão gerando a assim chamada sociedade laica.

Diante deste panorama que bem conhecemos, o homem – criança, jovem ou adulto – fica à mercê de sua própria solidão ou de sua própria autonomia, segundo querem fazer ver os propagadores do laicismo. O homem moderno, racionalista centrado em si mesmo, o homem copernicano que se inicia com o Iluminismo, tende cada dia a exigir uma carteira de identidade, fundando sua vida e sua história em si mesmo. Os valores religiosos, Deus, sem serem negados frontalmente, são relegados à esfera do privado, sem poder incidir na vida pública das pessoas e, portanto, em toda a sociedade [1].

Muitas são as consequências deste querer desterrar Deus da vida dos homens e do próprio homem. A angústia vital na qual se debate a sua existência, procurando torná-la palatável ou, pelo menos, narcotizada através de vários substitutivos, é a soma de todas as consequências: adultos que vivem em uma completa adolescência porque não sabem enfrentar a vida como compromisso [2]. É, para eles, simplesmente o suceder-se de um dia após outro [3]. Jovens que, do futuro, têm mais medo que esperança porque não aprenderam a por

---

[1] "A cultura europeia dá a impressão de ser uma apostasia silenciosa por parte do homem autossuficiente que vive como se Deus não existisse". João Paulo II, Exortação Apostólica pós-sinodal Ecclesia in Europa, de 28.6.2003, n. 9.

[2] "A imagem que se forma do amanhã, aparece muitas vezes vaga e incerta. Do futuro, sente-se mais medo que desejo. Sinais preocupantes disto mesmo são, entre outros, o vazio interior, que oprime muitas pessoas, e a perda do significado da vida. Como manifestações e frutos desta angústia existencial, contam-se, de modo particular, a dramática diminuição da natalidade, a queda das vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, a relutância, se não mesmo a recusa, de tomar decisões definitivas na vida inclusive no matrimônio." Ibidem, n. 8.

[3] Uma cultura pluralista e complexa tende a produzir jovens com uma identidade incompleta e fraca, com a consequente indecisão crônica diante da escolha vocacional. Muitos jovens não dominam nem mesmo a «gramática elementar» da existência; são nômades: circulam, sem se firmar em nível

sua esperança no que permanece e vivem como *ciganos*, como nômades, sem rumo nem morada fixas. Crianças e adolescentes que carecem da mais elementar educação, porque, para eles, tudo é permitido, pois não existe um ideal nem na mente de seus pais, nem na mente de seus mestres e formadores [4].

Nestes mesmos problemas, encontra-se escondido o grito desesperado de toda uma geração que, vivendo em certa opulência ou em certo bem-estar, se dá conta de que vive agarrada a uma armadilha de uma felicidade material, vã, esclerosada. A natureza não pode se trair a si mesma e, cedo ou tarde, se dá conta da incoerência na qual vive. Incoerência entre o que é e o que deveria ser.

Sendo espírito e matéria, este "eu" ideal se revela diante do "eu" atual, o que gera uma série de crise que vai desde uma forma simples de mal-estar até uma profunda depressão ou desgosto pelo simples fato de viver. A crise, inevitável, se apresenta como uma oportunidade para crescer, para ser coerente entre o que se é e o que se vive, entre o que o homem é por natureza e o que pretende ser por puro vício ou por falta de uma formação adequada. É o gemido do espírito, ao qual São Paulo se refere, e pelo que devemos estar atentos para ajudar os homens a superar a incongruência que se dá em suas vidas.

Não é necessário, tão pouco, pensar que apenas através da crise se pode ajudar o homem de hoje a superar a incongruência em sua vida para que viva o que é [5]. Existe também a enorme possibilidade de prevenir, o que na linguagem pedagógica chamamos de educação.

---

geográfico, afetivo, cultural, religioso; eles «vão tentando»! Em meio à grande quantidade e diversidade das informações, mas com pobreza de formação, mostram-se dispersos, com poucas referências e poucos referenciais. Por isso, têm medo do futuro, sentem-se ansiosos diante de compromissos definitivos, e se questionam a respeito do seu ser. Se, por um lado, a qualquer custo buscam autonomia e independência, por outro, como refúgio, tendem a ser muito dependentes do ambiente sócio-cultural e a procurar a satisfação imediata dos sentidos: daquilo que «me agrada», daquilo que «faz com que eu me sinta bem», num mundo afetivo feito sob medida». Obra Pontifícia para as Vocações Eclesiásticas, Novas vocações para uma nova Europa, 6.1.1998, n. 11c.

[4] "Mas, relação educativa é antes de tudo o encontro de duas liberdades e a educação com sucesso é formação para o reto uso da liberdade. Mas à medida que a criança cresce, torna-se um adolescente e depois um jovem; portanto devemos aceitar o risco da liberdade, permanecendo sempre atentos a ajudá-lo a corrigir ideias e opções erradas. O que nunca devemos fazer é favorecê-lo nos erros, fingir que não os vemos, ou pior, partilhá-los, como se fossem as novas fronteiras do progresso humano." Bento XVI, Carta, 21.1.2008.

[5] Em estudo recentemente realizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), previram que, dentro de 10 anos, a humanidade, do ponto de vista psiquiátrico, terá as seguintes características: a) A depressão será uma enfermidade generalizada, sendo a principal causa da invalidez do trabalho; b) Uma grande porcentagem da humanidade não será capaz de estabelecer relações interpessoais; c) A dependência será um fator generalizado no comportamento dos homens, especialmente as dependências ligadas à tecnologia.

Através da educação, podemos ir formando homens e mulheres conscientes do que são e com instrumentos adequados para viver com responsabilidade e coerência a gramática elementar de sua existência.

Tendo falado da natureza do homem, cabe fazer uma reflexão sobre o que significa esta natureza, de forma a que possamos ajudar a prevenir, educar e aliviar os sofrimentos das pessoas que se alienam desta natureza. Sem aprofundar os conceitos antropológicos, é necessário, sem dúvida, partir de uma sã antropologia para poder compreender melhor a natureza do homem. Observando tal natureza, podemos compreender que o homem compartilha certas capacidades do animal, porém, ao mesmo tempo, é diferente. A diferença principal se estabelece pelo fato de que o homem pode pensar-se a si mesmo e se transcende. E isto, porque possui um espírito. O homem é, portanto, matéria e espírito, porém, em uma unidade inseparável. É, portanto, um espírito encarnado. Por isso, sua realização – ser o que tem que ser – será conseguido na medida em que viva a realidade de ser um espírito encarnado. Nem anjo, nem animal, mas homem.

A situação dos nossos tempos, sem se opor à parte espiritual do homem, relegou-a a um plano personalista, a um plano meramente opcional. Com tanto que as crenças de cada homem não perturbem a convivência social, o homem pode crer no que quiser, dando ocasião a um profundo individualismo que desemboca por lógica num relativismo. Por outra parte, e quase em forma paradoxal, a mesma sociedade que não permite que as crenças pessoais incidam na tomada de decisões culturais ou sociais, obriga ao homem a superestimar e a viver quase unicamente da matéria, de suas paixões e de seus instintos. Encontramo-nos, portanto, com o contrastante espetáculo de ver, de um lado, como é exaltada a pornografia, a vida dos sentidos e, por outro, o escândalo da pedofilia. Castiga-se e é causa de escândalo o que é consequência do que se exalta e se promove.

O equilíbrio consistiria em entender bem o que é o homem e em promovê-lo em todos os sentidos. Em nossa época, talvez como uma reação a épocas anteriores, tudo o que tenha sabor de obrigatoriedade pode ser entendido como coação contra a liberdade. Sem dúvida, caberia esclarecer o que é a liberdade e a necessária obrigatoriedade de certas normas, especialmente das normas que regem a natureza do homem, com a nefasta consequência da sua não observância: o homem pode ir à deriva em seu destino. Basta analisar o mundo dos jovens – inclusive o dos adultos -, onde não se conhece a mais elementar gramática do sentido

da vida [6]. É-se homem como se fosse animal, e a vida se reduz a uma repetição de atos sem sentido, onde o prazer, certa vaga felicidade agem como normas para as pessoas. Daqui a importância de recobrar o verdadeiro sentido da vida humana, sem cair nos extremos de quem a assemelha a um objeto a mais da natureza, nem de quem a exalta até a loucura de vê-la como centro da criação.

Para que o homem volte a ser homem, há que conhecer seu destino final. Conhecemos os objetos na medida em que percebemos sua finalidade última. O mesmo deve acontecer com o homem. E sua finalidade última, o Papa Bento XVI nô-lo recorda quando nos diz que a substância da vida é a esperança: "Nesta imagem, que sucessivamente por um longo período haveria de perdurar na arte dos sarcófagos, torna-se evidente aquilo que tanto as pessoas cultas como as simples encontravam em Cristo: Ele diz-nos quem é na realidade o homem e o que ele deve fazer para ser verdadeiramente homem. (...) Aqui a nova «substância» confirmou-se realmente como «substância»: da esperança destas pessoas tocadas por Cristo brotou esperança para outros que viviam na escuridão e sem esperança. Ficou demonstrado que esta nova vida possui realmente «substância» e é «substância» que suscita vida para os outros. Para nós, que vemos tais figuras, este seu agir e viver é, de fato, uma «prova» de que as coisas futuras, ou seja, a promessa de Cristo, não é uma realidade apenas esperada, mas uma verdadeira presença: Ele é realmente o «Filósofo» e o «Pastor» que nos indica o que seja e onde está a vida" [7].

---

[6] "Uma cultura pluralista e complexa tende a produzir jovens com uma identidade incompleta e fraca, com a consequente indecisão crônica diante da escolha vocacional. Muitos jovens não dominam nem mesmo a «gramática elementar» da existência; são nômades: circulam, sem se firmar em nível geográfico, afetivo, cultural, religioso, eles «vão tentando»! Em meio à grande quantidade e diversidade das informações, mas com pobreza de formação, mostram-se dispersos, com poucas referências e poucos referenciais. Por isso têm medo do futuro, sentem-se ansiosos diante de compromissos definitivos, e se questionam a respeito do seu ser. Se, por um lado, a qualquer custo buscam autonomia e independência, por outro, como refúgio, tendem a ser muito dependentes do ambiente sociocultural e a procurar a satisfação imediata dos sentidos: daquilo que «me agrada», daquilo que «faz com que eu me sinta bem», num mundo afetivo feito sob medida» (9). É uma tristeza encontrar jovens, embora inteligentes e bem-dotados, nos quais parece apagada a vontade de viver, de acreditar em alguma coisa, de tender para grandes objetivos, de esperar num mundo que, graças a seus esforços, pode se tornar melhor. São jovens que parecem sentir-se *supérfluos* no jogo ou no drama da vida, quase demissionários em relação a ela, meio perdidos ao longo de caminhos interrompidos, e reduzidos aos níveis mínimos da tensão vital. Sem vocação, mas também sem futuro, ou com um futuro que, no máximo, será uma fotocópia do presente". Obra Pontifícia para as vocações eclesiásticas, Novas vocações para uma nova Europa, 6.1.1998, n. 11c.

[7] Bento XVI, Carta encíclica Spe salvi, 30.11.2007, nn. 6 e 8.

Desta forma, o homem é uma criatura chamada por Deus a gozar da vida eterna. E, desta realidade, hoje esquecida por muitos cristãos, as almas têm necessidade de que lhes recorde, não de forma anedótica, doutrinal ou intelectual, mas de forma vivencial, de tal maneira que esta realidade possa verdadeiramente transformar suas vidas [8]. É necessário que esta realidade – a da vida eterna – impregne essencial e fundamentalmente a vida dos cristãos, se, de verdade, querem chegar a ser o que na verdade são e não se deixarem levar por qualquer vento ideológico.

Conseguir essa transformação do homem não é uma coisa simples. Falamos que não se consegue isso simplesmente com a transmissão de conhecimentos, isto é, dizendo às pessoas qual é o fim último de suas vidas, senão verdadeiramente fazendo com que vivam de frente a essa esperança e deixando transformar todas as suas capacidades e sua pessoa em base a essa realidade. Será necessário pensar no meio mais adequado para conseguir esta transformação.

Iniciemos, como sempre, partindo do que é o homem:

O HOMEM E SUA INFINITA SEDE DE SER ORANTE

O homem, como falamos, está constituído de alma e corpo. Alma e corpo que formam uma unidade, de maneira que nenhum desses componentes se contrapõe, mas que se complementam. Conhecendo cada um desses componentes e projetando-os ao fim último – a vida eterna -, podemos conseguir que este destino final ilumine todos os aspectos do homem, fazendo dele um ser que tenda à eternidade já desde esta terra, isto é, um ser que viva da esperança e na esperança dos bens eternos.

As realidades que configuram o homem – espírito e matéria – podem ser compreendidas em três níveis, como: o nível físico, o nível psíquico e o nível espiritual. Cada um destes níveis se inter-relaciona um com o outro, uma vez que o homem é uma unidade indissolúvel. Por isso, o que ocorre no aspecto físico se reflete no nível espiritual e no nível psíquico. Assim, o que ocorre nestes dois níveis afeta os demais [9].

---

[8] "Chegou o momento, porém, de nos colocarmos explicitamente a questão: para nós, hoje, a fé cristã é também uma esperança que transforma e sustenta a nossa vida? Para nós, aquela é «performativa» – uma mensagem que plasma de modo novo a mesma vida – ou é simplesmente «informação» que, entretanto, pusemos de lado porque nos parece superada por informações mais recentes? Ibidem, n.10.

[9] Uma obra que demonstra profusamente esta relação é o livro de Jean-Claude Larchet, Terapia delle malattie spirituale, Un'introduzione alla tradizione ascetica della Chiesa ortodossa, Edizioni San Paolo, Milano 2003.

Será necessário imbuir desta esperança, deste sentido último da vida do homem, todas e cada uma destas realidades, porém se deverá começar pela realidade espiritual, uma vez que o objeto da esperança é, claramente, espiritual. A posse dos bens eternos, da *substância* que dá vida, não se pode compreender senão a partir da esfera espiritual.

Esta esfera, como analisamos no inciso anterior, está muito deteriorada no homem de hoje. Este é sufocado, atrofiado pelos bens materiais que se encontram no nível material e não deixam que seu espírito respire. Portanto, o espírito não sabe respirar as coisas eternas. Satisfeito momentaneamente com a matéria, fica sempre insatisfeito, com uma grande nostalgia pelos bens eternos, que são os bens para o qual o homem foi criado [10]. Apoiado nessa insignificância que mantém todo homem na vida, ainda que ele não o saiba ou ponha sua esperança em realidades materiais, pode-se começar a sua formação, para conseguir sua transformação, de acordo com o fim para que foi criado.

Esta aspiração à eternidade que está latente em cada homem deve ser animada, sobretudo, através do espírito. É, portanto, a formação espiritual, isto é, a formação na vida do espírito de onde se deve partir para conseguir o objetivo a que nos propusemos, ou seja, o de fazer com que o homem seja o que é. Será, portanto, a vida do espírito que fará o homem capaz de aderir às verdades eternas, uma vez que, sendo estas verdades espirituais, devem encontrar sua semelhança no homem, de tal forma que este possa segui-las e não apenas recordar-se delas. Se, de verdade, quisermos que o homem recobre o verdadeiro sentido da vida, devemos buscar que não apenas se lembre da *substância* (esperança) para a qual foi criado, mas que, recordando essa verdade, toda a sua vida física, psíquica e espiritual, assim como todas as suas capacidades fiquem imbuídas desta esperança. Poderemos dizer, então, que o homem aprenderá a viver da esperança. Por isso, deve-se conhecer muito bem o que significa esta *vida do espírito*, de forma que ela possa ser cultivada como um lugar adequado para iniciar a esperança.

---

[10] "Todavia, como sublinharam os padres sinodais, «*o homem não pode viver sem esperança:* a sua vida perderia o sentido, tornando-se insuportável» (18). Muitas vezes pensa-se que é possível satisfazer esta exigência de esperança com realidades efêmeras e frágeis. E assim a *esperança*, confinada *num âmbito intramundano* fechado à transcendência, acaba por ser identificada, por exemplo, com o paraíso prometido pela ciência e a técnica, com as mais variadas formas de messianismo, com a felicidade de natureza hedonista oferecida pelo consumismo, com o prazer imaginário e artificial gerado por substâncias estupefacientes, com algumas formas de milenarismo, com o fascínio das filosofias orientais, com a busca de formas esotéricas de espiritualidade, nas diversas correntes da *New Age.*(19). (João Paulo II, Exortação apostólica pós-sinodal Ecclesia in Europa, 28.6.2003, n. 10).

A vida do espírito não deve ser entendida nem como uma série de conhecimentos, de normas a serem seguidas, nem tão pouco como uma vida que, por si só, dê preferência ao psicológico. São duas tendências opostas, porém que vale a pena esclarecê-las para evitar possíveis erros na concepção da vida espiritual e, portanto, na forma como devemos fixar o programa de formação de vida espiritual dos leigos, por parte dos consagrados.

A primeira tendência – a de ver a vida do espírito reduzida a uma série de práticas ou de normas – é herdada de um passado no qual, talvez, se deu demasiada importância às normas, aos horários, à rigidez na vivência da vida. Podemos dizer que se pensava que, cumprindo essas regras, horários e disposições, *produzia-se* a vida do espírito. Seria como um automatismo em que precisamente a ascese, a mortificação, a aquisição das virtudes, asseguravam a vida do espírito. Leiamos o que a respeito disse um autor espiritual contemporâneo: *"Se a vida espiritual é entendida como uma atividade intelectual, então bastaria aderir a determinados pressupostos doutrinais, observar certos princípios, seguir uma determinada lógica, cumprir com precisão algumas práticas, e, assim, poder ser considerada uma pessoa espiritual"* [11]. Logicamente, nos damos conta de que esta postura não é de todo adequada, pois a vida do espírito não consiste em um saber, mas antes em um ser. Talvez tenha sido um pouco a visão do passado, especialmente em algumas congregações religiosas que viviam a observância da regra, porém não *o espírito* da regra [12].

Por outro lado, como em um pêndulo, está a postura psicologista: *"A uma espiritualidade desencarnada, abstrata e conceitualista, responde-se com uma espiritualidade do 'sentir'. O que conta é apenas aquilo que se sente. A uma direção espiritual impositiva, reage-se com um "counseling" psicológico, apenas de escuta, em que é melhor não intervir jamais. Na espiritualidade de tipo agnóstico, supervaloriza-se ou se ignora a realidade psicológica. O controle era forte, sem tantas sutilezas: a vida espiritual era o fruto da vontade, do exercício constante e da ascese (...). Hoje, assistimos o excesso contrário: pareceria que, senão se levar em conta o subconsciente e a história psicológica do indivíduo, a vida espiritual é praticamente impossível"* [13].

---

11 Marko Ivan Rupnik, Nel fuoco del roveto ardente, Iniziazione alla vita spirituale, Edizioni Lipa, Roma 1996, p. 23.

12 Para mais detalhes, a respeito do argumento do rigorismo vivido nas congregações religiosas, sugerimos o artigo de Grazia Loparco, La vita religiosa alla vigilia del Concilio, en I fruti del cambiamento, A 40 anni dal "Perfectae caritatis", Editrice Ancora, Milano 2006, p. 10-33.

13 Marko Ivan Rupnik, Nel fuoco del roveto ardente, Iniziazione alla vita spirituale, Edizioni Lipa, Roma 1996, p. 26.

Frente a este dualismo, devemos nos centrar em conhecer verdadeiramente o conceito de vida espiritual para ajudar o homem a encontrar o sentido último de sua vida. A vida espiritual não é outra coisa senão a vida do espírito, isto é, conseguir que o homem viva a mesma vida de Deus. Não se trata nem de renunciar a suas capacidades humanas, nem tão pouco de privilegiar uma de suas dimensões – a espiritual – menosprezando as outras duas: a física e a psíquica. Trata-se, melhor ainda, de conseguir que o homem encontre Jesus Cristo e faça deste encontro uma experiência de vida, de forma que possa viver através deste encontro pessoal. Será este encontro pessoal o que se buscará incentivar, reavivar todos os dias, e, para isso, poder-se-á utilizar diversos meios. Portanto, existe uma unidade entre a experiência real do encontro com Deus e os meios para continuar essa experiência ao longo da vida. E é precisamente neste encontro pessoal com Deus [14] que o homem encontra o sentido último de sua existência, isto é, a esperança. É nesse encontro que se dá o entendimento do que é a verdadeira substância – esperança – da vida. *"A fé outorga à vida uma base nova, um novo fundamento sobre o qual o homem pode se apoiar de tal maneira que, precisamente o fundamento habitual, a confiança no ganho material, fica relativizado. Cria-se uma nova liberdade diante deste fundamento da vida que, apenas aparentemente, é capaz de sustentá-la, ainda que com ele não se nega certamente seu sentido normal. Esta nova liberdade, a consciência da nova "substância" que nos foi dada, foi manifestada não apenas no martírio, no qual as pessoas se opuseram à prepotência da ideologia e de seus organismos políticos, renovando o mundo com sua morte. Também se manifestou, sobretudo, nas grandes renúncias, a partir dos monges da antiguidade até Francisco de Assis, e das pessoas de nosso tempo que, nos Institutos e Movimentos religiosos modernos, deixaram tudo por amor de Cristo para levar aos homens a fé e o amor de Cristo, para ajudar as pessoas que sofrem no corpo e na alma. Neste caso, comprovou-se que a nova "substância" é, realmente "substância"; que viviam na escuridão e sem esperança. Neles, demonstrou-se que esta nova vida possui realmente "substância" que suscita vida para os demais"* [15].

Podemos enfocar o problema com uma terminologia que até agora causou um pouco de confusão, porém que, na verdade, são dois componentes da vida do espírito: *mística e*

[14] "Cremos no amor de Deus: assim o cristão pode expressar a opção fundamental de sua vida. Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva". Bento XVI, Carta encíclica Deus caritas est, 25.12.2005, n.1.

[15] Bento XVI, Carta Encíclica Spe salvi, de 30.11.2007, n.8.

ascética. Por vida mística, entende-se a união com Deus [16]. A ascética é a ciência teológica que trata dos esforços do homem para encontrar a perfeição, enquanto que a ascese é o exercício em sentido estrito [17]. Estabelece-se, portanto, uma unidade entre ambos, não uma contradição. Se dizemos que a vida espiritual é viver a mesma vida de Deus, a partir de uma experiência pessoal com o mesmo Deus, devemos conseguir que, em primeiro lugar, o homem alcance esta experiência de Deus. Isto corresponde à mística. De nada servirão as orações, os exercícios de piedade, as práticas fervorosas, se o homem não encontrou a Deus ou não fez a experiência pessoal de Deus. Este ponto é essencial para recuperar o verdadeiro sentido do homem. Depois, se seguirá, logicamente, a continuação deste encontro, pois, como parte de um namoro, não basta um primeiro encontro, senão que há que se nutrir e fazer crescer este encontro. Aqui entra a parte da ascese [18]. O trabalho que deve realizar o homem para voltar a encontrar o sentido de sua vida, isto é, encontrar na *esperança* a verdadeira *substância* de sua vida e colocar nesta esperança toda a sua pessoa, é, portanto, um duplo trabalho: de *mística*, ou encontro pessoal com Deus em sua vida, fazer a experiência pessoal do Espírito, e de *ascese*, para buscar a ação de Deus em sua vida, favorecê-la e assim recordar e atualizar constantemente a experiência pessoal com Deus que o leve a colocar na *esperança* toda a *substância* de sua vida.

Esta dupla experiência se consegue não apenas com um trabalho meramente intelectual ou volitivo, mas sim sobre uma base vital. Isto quer dizer que o homem deve aprender a tender sempre para Deus para conseguir fazer a experiência pessoal do espírito e atualizá-la ao longo de sua vida, de forma que a *esperança* seja a força para a qual tenda toda a sua vida. Esta experiência espiritual não se realiza de uma vez para sempre, senão que deve ser constantemente atualizada. Portanto, encontramo-nos na encruzilhada do trabalho espiritual que desde sempre acompanha o cristão, isto é, estabelecer aquilo que corresponde a Deus e

[16] "Define-se como "mystica", aquilo que vai além dos esquemas da experiência ordinária, além de nossas faculdades cognitivas (...). O princípio unificador que as palavras mystérion, místikos assumem na linguagem religiosa é a idéia da comunicação de Deus ao homem e uma iniciação do homem nos desígnios de Deus. É a ascensão do homem a Deus e é a descida de Deus aos homens". Luigi Borriello, Maria R. Del Genio e Tomás Spidlík, La mística, parola per parola, Áncora Edizioni, Milano 2007, pág. 367.

[17] Idem, pág. 52.

[18] Outro autor espiritual contemporâneo o explica da seguinte maneira: "Se a mística é aquilo que Deus realiza em nós, a ascética é tudo aquilo que nós fazemos para aurir e aproveitar a ação de Deus em nós e responder a Ele". Amedeo Cencini, Amarás o Senhor, Teu Deus. Psicologia do encontro com Deus, Edições Paulinas.

aquilo que corresponde ao homem, já que nem tudo pode ser reduzido a um aspecto volitivo intelectual, nem tão pouco a um sentimento afetivo ou emotivo.

Segundo meu parecer, esta encruzilhada pode ser resolvida quando o cristão se encontra em uma constante postura interior que o leva a buscar em todo momento e em toda circunstância seu fim último, isto é, o fim para o qual foi criado. Esta tendência não é um mero lembrete, senão que é uma postura interna, que nasce da *experiência do Espírito* e que se atualiza a cada passo, em cada momento, em cada circunstância da vida ordinária. Não será algo forçado, mas algo conatural à pessoa se fez a *experiência do Espírito.*

Esta tendência ao infinito, isto é, para Deus, como fim de todas as coisas e como fim da vida de todo ser humano, é o que fundamenta a vida espiritual. O homem buscará viver a mesma vida de Deus, isto é, a vida do espírito, em sua própria vida. Seus gestos externos, sua conduta será guiada pela íntima convicção de que é uma criatura de Deus, de Deus saiu e para Deus se dirige. Não é, portanto, nem um sentimento que se reduz a um estado emotivo passageiro, nem uma alienação mental que restringe sua liberdade. É tomar consciência do trabalho que Deus realiza nele mesmo – *mística* -, e sua vontade de se por em marcha para responder sempre de acordo com esta ação de Deus nele.

Para perceber a ação de Deus na alma, isto é, a experiência do Espírito, é necessário que o homem se adentre no conhecimento pessoal de Deus. Se mencionávamos que o homem do nosso tempo é um homem que não conhece a gramática elementar do sentido de sua vida, não apenas espiritual, mas meramente humana, será necessário que alguém o ajude a encontrar este sentido da vida. Estamos falando de pessoas *construtoras de sentido*, que ajudem o homem a encontrar o verdadeiro sentido da vida. O verdadeiro sentido da vida se encontra no plano espiritual para, daí irradiar os outros níveis da pessoa, o nível físico e o nível psíquico. Subir ao plano espiritual requer todo um exercício de forma que a alma esteja aberta constantemente à ação de Deus, *experiência espiritual*, e queira responder sempre a esta experiência. Ao nível espiritual não de ascende senão pela via do espírito; portanto, as pessoas construtoras de sentido deverão ser "experts" na vida do Espírito para que possam transmitir sua própria *experiência espiritual* e ajudem as pessoas a continuarem respondendo a esta *experiência espiritual.*

Poderia parecer arriscado aquilo que algumas pessoas se atreveram a despertar nos cristãos: esta nostalgia pelos bens eternos, sem dúvida, não encontra nenhuma dificuldade quando a pessoa que se coloca para ajudar outra a fim de recordá-la e ajudá-la a construir o sentido de sua vida, vive, ela mesma, em um plano espiritual. A postura espiritual é aquela

que encontra ou torna iguais as pessoas. Não há diferença alguma no que se refere ao sexo, à idade, à condição social ou inclusive à *condição eclesiástica*.

Portanto, encontramo-nos em um nível de experiência orante, onde a pessoa se põe em constante diálogo com Deus. Não é uma experiência intelectual, nem volitiva, mas uma experiência espiritual que se traduz em uma conduta e alguns comportamentos que tendem a acrescentar em todo momento esta experiência. Dissemos que é uma experiência orante porque a alma se dirige a Deus, fala-Lhe e O escuta. É a postura de tantos santos e de tantas almas que aprenderam a tratar com Deus como a uma Pessoa e fizeram dEle o centro de seus pensamentos e de suas ações. Não se trata, portanto, de ensinar a rezar ou a rezar, mas a ter uma postura de oração constante, isto é, uma inclinação de toda a vida para se referir a Deus como centro de todo o ser. Não se trata de recordar, de vez em quando, que Deus existe, mas de fazer de toda a existência um ponto de encontro com Deus.

Esta postura orante será o que ajudará o homem a encontrar o sentido de sua vida, *a substância* da qual falamos, e a fazer com que viva constantemente a esperança cristã e desta mesma esperança. Não é em vão que Bento XVI define a oração como um lugar da esperança, um lugar onde se exercita a esperança [19]

A pessoa consagrada por excelência, como veremos no inciso seguinte, é quem pode ajudar a viver a oração como um lugar de esperança e, assim, converter-se em um construtor

---

[19] "De forma muito bela Agostinho ilustrou a relação íntima entre oração e esperança, numa homilia sobre a *Primeira Carta de João*. Ele define a oração como um exercício do desejo. O homem foi criado para uma realidade grande, ou seja, para o próprio Deus, para ser preenchido por Ele. Mas, o seu coração é demasiado estreito para a grande realidade que lhe está destinada. Tem de ser dilatado. «Assim procede Deus: diferindo a sua promessa, faz aumentar o desejo; e com o desejo, dilata a alma, tornando-a mais apta a receber os seus dons». Aqui Agostinho pensa em S. Paulo que, de si mesmo, afirma viver inclinado para as coisas que hão de vir (*Fl* 3,13). Depois usa uma imagem muito bela para descrever este processo de dilatação e preparação do coração humano. «Supõe que Deus queira encher-te de mel (símbolo da ternura de Deus e da sua bondade). Se tu, porém, estás cheio de vinagre, onde vais pôr o mel?» O vaso, ou seja, o coração, deve primeiro ser dilatado e depois limpo: livre do vinagre e do seu sabor. Isto requer trabalho, faz sofrer, mas só assim se realiza o ajustamento àquilo para que somos destinados.[26] Apesar de Agostinho falar diretamente só da receptividade para com Deus, resulta claro, no entanto, que o homem neste esforço, com que se livra do vinagre e do seu sabor amargo, não se torna livre só para Deus, mas abre-se também para os outros. De fato, só nos tornando filhos de Deus é que podemos estar com o nosso Pai comum. Orar não significa sair da história e retirar-se para o canto privado da própria felicidade. O modo correto de rezar é um processo de purificação interior que nos torna aptos para Deus e, precisamente desta forma, aptos também para os homens. Na oração, o homem deve aprender o que verdadeiramente pode pedir a Deus, o que é digno de Deus. Deve aprender que não pode rezar contra o outro. Deve aprender que não pode pedir as coisas superficiais e cômodas que de momento deseja – a pequena esperança equivocada que o leva para longe de Deus. (Bento XVI, Carta encíclica Spe salvi, 30.11.2007, n. 33).

de sentido. O importante é que ela mesma viva sua oração em uma postura de constante referência a Deus, de tal forma que possa mostrar a melhor maneira na qual o homem aprende a viver de Deus e somente para Deus, sem esquecer as realidades terrenas, senão pondo-as em uma adequada hierarquia.

A pessoa orante não é a que foge do mundo – *fuga mundi* – porque despreza as realidades terrenas. A verdade é outra. A pessoa orante é a que, estando no mundo sem ser do mundo, sabe dar a cada uma das realidades terrenas o lugar que lhes corresponde, porque colocou Deus, através da *experiência do espírito*, como centro de sua vida, isto é, como sua *substância*, como sua *esperança*. Daí, desse centro, desprendem-se todas as realidades terrenas, sem que nenhuma delas pretenda tomar o centro. É a postura orante que aprende a ver em todas as coisas as realidades terrenas em Deus. Desta forma, uma flor, uma paisagem, assim como uma circunstância alegre ou triste, as faz ver Deus, porque tem Deus como centro de sua existência. A *fuga mundi* não cabe nas pessoas que fazem de Deus uma *experiência espiritual*, porque sabem encontrar Deus em todos os acontecimentos e nas coisas terrenas.

Portanto, encontramo-nos com a necessidade de contar com pessoas construtoras de sentido que sejam *"experts" na experiência espiritual* e *"experts"* na forma com que deve responder à experiência espiritual. Portanto, pessoas "experts" em *mística* e *ascética.* Os consagrados, e especialmente as mulheres consagradas, vivendo o próprio carisma, podem ser pessoas idôneas para esta missão, isto é, para ser construtoras de sentido.

A ÚLTIMA EXORTAÇÃO DE BENTO XVI À VIDA CONSAGRADA

As dificuldades pelas quais passa a vida consagrada, especialmente em algumas partes do Ocidente, tem sua explicação mais profunda em uma vivência lânguida, apagada, sem o brilho da própria consagração. A explicação para este abandono do viver o fervor na vida consagrada devemos encontrar nos agitados do pós-Concílio, aqueles que vão dos meados dos anos 60 até os nossos dias. Tendo-se feito do Concílio um pretexto para impor os próprios pontos de vista e às vezes uma ideologia contrária aos valores cristãos e da própria vida consagrada, muitos elementos essenciais da consagração foram sendo deixados de lado, dando como resultado uma vida mitigada na vida consagrada. Algo que poderíamos comparar a uma secularização desta vida consagrada. Sem dúvida, o próprio Papa Bento XVI constata que quem sabe ser fiel à vivência do carisma, possui em si mesmo a fórmula para ajudar outros a viverem a vida do Espírito, possui em si mesma a chave para ser construtora de sentido. "Muitas vezes, também eu, como os meus veneráveis predecessores, quis reafirmar

que os homens de hoje percebem um forte chamado religioso e espiritual, mas estão prontos para escutar e seguir apenas quem testemunha com coerência a própria adesão a Cristo" [20].

Portanto, será importante ver a forma com que os consagrados podem ajudar os homens a recuperar o sentido espiritual de suas vidas, isto é, o verdadeiro sentido de sua existência, na medida em que elas vivam o próprio. "Redescobrir o espírito das origens, aprofundar o conhecimento do Fundador ou da Fundadora, ajudou a imprimir nos Institutos um promissor e novo impulso ascético, apostólico e missionário. Há obras e atividades seculares que foram assim revitalizadas por nova linfa, há novas iniciativas de autêntico exercício do carisma dos Fundadores. É sobre esta estrada que é preciso continuar a caminhar, pedindo ao Senhor para que leve a pleno cumprimento a obra por Ele começada" [21]

"O próprio carisma dos Fundadores se revela como uma experiência do Espírito, transmitida aos próprios discípulos para ser por eles vivido, guardado, aprofundado e ampliado constantemente em sintonia com o Corpo de Cristo em crescimento perene" [22] Sendo o carisma uma experiência do Espírito, ele se nos apresenta como a ação de Deus em uma pessoa – neste caso, na pessoa do Fundador -, porém que pode ser vivida por seus próprios discípulos. Estas duas características da definição de carisma, o fato de que seja uma experiência do Espírito e o fato de que esta mesma experiência possa ser compartilhada em forma pessoal, vivida por seus discípulos, nos dará luz sobre a explicação que queremos dar com relação à possibilidade que o consagrado tem para ajudar os homens a viverem a vida do Espírito.

Em primeiro lugar, devemos deixar claro que o carisma é um ingrediente *sine qua non* o consagrado não pode se realizar plenamente. Sendo uma experiência do Espírito, o carisma está chamado a cobrir todas as áreas da pessoa humana, em seus três níveis: o físico, o psíquico e o espiritual. "A verdadeira auto- realização não significa, portanto, um simples exercício dos próprios dotes, nem qualquer espécie de promoção do "eu", mais ou menos coroada do sucesso social (...). Ao contrário, a autêntica realização significa sempre alguma coisa de novo e inédito; é conquista de um modo de ser mais pleno, é risco de confiar-se a um projeto ainda desconhecido e que se descobre um pouco por vez, reconhecendo-se aí, progressivamente, a si mesmo e aquilo a que se é chamado a ser. O carisma é, justamente, tal projeto: descobri-lo é conhecer-se, vivê-lo é realizar-se em plenitude, segundo os caminhos que não são nunca totalmente previsíveis e que vão sempre além daquilo que o indivíduo poderia normalmente

[20] Bento XVI, Discursos, 18.2.2008.
[21] Idem.
[22] Sagrada Congregação para os religiosos e Institutos Seculares, Mutuae relationes, 14.5.1978, n.11.

esperar por si mesmo" [23]. A experiência que se realiza no espírito não fica somente neste nível, senão que chega aos outros dois níveis, pela via da unidade do ser humano.

Devemos aprofundar a forma na qual o carisma se converte em fonte da vida do espírito, da *substância*, isto é, da esperança da vida do homem. A experiência do espírito, isto é, o carisma, revela-se como uma experiência para viver e entender, de forma muito peculiar, um aspecto do Evangelho, da vida de Cristo, de um mistério divino ou de uma verdade eterna.

Portanto, não existe uma forma unívoca de compreender um carisma a partir do ponto de vista espiritual. "O Evangelho não se presta a simplificações ou fragmentações. O todo é tudo, em modo e medidas diversas. Os seus conteúdos superam as possibilidades de realização de qualquer pessoa. Ninguém pode realizá-lo em todas as suas dimensões. O mesmo Jesus assume os limites: prega quase exclusivamente na Palestina, não chega à velhice, não vive o matrimônio, as graves doenças, os processos de enculturação em outros povos e em outras línguas (...). Pretender ser tudo e fazer tudo é ingenuidade ou soberba. (...). O mesmo acontece em épocas sucessivas, nos movimentos eclesiais e nos santos. Todos se chegam ao Evangelho com a mesma intenção de vivê-lo a fundo e, todavia, tornam-se diferentes quanto às experiências, responsabilidades, prioridades. Buscando o mesmo Cristo no Evangelho, Santo Agostinho percorreu um caminho, São Francisco de Assis, outro, Charles De Foucauld descobriu um aspecto, Theillhard de Chardin outro muito diverso. E todos são aspectos e sínteses parciais do mistério original" [24].

É necessário entender isto em todo seu contexto para captar a forma como Deus inspira ao Fundador uma maneira específica de viver a vida do espírito. O que podemos afirmar é que a experiência espiritual do Fundador dará sentido a todos os aspectos da vida do Instituto religioso, desde a interpretação e vivência dos votos, as formas de se relacionar com Deus, o apostolado, até os detalhes que regem a vida ordinária.

Para conhecer as características espirituais mais peculiares de cada Instituto e ver sua incidência na vida dos membros e do próprio Instituto, devemos fixar nossa atenção no mistério ou nos mistérios de Deus, naquela passagem do Evangelho ou naquele mistério de Cristo que mais ajudaram o Fundador para colocar em pé a obra que Deus lhe pedia. Este mistério, esta passagem do Evangelho ou mistério da vida de Cristo se converterá no ícone

[23] Amedeo Cencini, Amerai il Signore Dio tuo, Psicologia dell'incontro con Dio, Edizioni Dehoniane Bologna, Bologna 2000, p. 40.
[24] Federico Ruiz, Le vie dello spirito, Sintesi di teologia spirituale, Edizioni Dehoniane Bologna, Bologna 2004, p. 497

fundante em torno do qual girará a experiência do Espírito do Fundador. Falamos, portanto, da *mística*, com a conotação da vida de Deus que age no homem. Este mistério de Deus, passagem do Evangelho ou aspecto peculiar da vida de Cristo se converte na ação do espírito que age na alma do Fundador, não de uma forma passiva por parte do Fundador, pois estaríamos falando de experiência mística [25] e não de experiência do espírito, senão de uma forma consciente. É Deus Quem, através do mistério divino, da passagem do Evangelho ou da vida de Cristo em alguma de suas peculiaridades, suscita no Fundador um movimento em sua alma, e, dali, por todo seu ser, que o faz colocar em pé uma obra, porém também uma nova forma de espiritualidade [26], isto é, de viver a vida de Deus, a vida do espírito.

Outro aspecto que será de utilidade para conhecer as características espirituais mais peculiares de cada Instituto será estudar as virtudes nas quais mais o Fundador insistia, uma vez que estas virtudes vêm a ser a parte da ascética pela qual a pessoa consagrada responderá à ação de Deus. A ascética faz parte da espiritualidade quando se conhece verdadeiramente a experiência espiritual que deu origem ao Instituto religioso. Desta forma, mistério de Deus – ou passagem do Evangelho ou aspecto particular da vida de Cristo – e virtudes mais recomendadas pelo Fundador se combinam para formarem o eixo da espiritualidade do Instituto. Assim, compreender-se-á melhor a espiritualidade do Instituto e da vida das pessoas consagradas. Mística e ascética se identificam, respectivamente com experiência do espírito e virtudes mais características do Instituto.

Dissemos que o mistério de Deus, passagem evangélica ou aspecto particular da vida de Cristo que Deus quis fazer ver ao Fundador são a raiz de onde brotará a espiritualidade do Instituto e de cada um dos seus membros. Para conhecer a forma como este ícone permeia a vida do Instituto, o fundamenta e o formata, pode ajudar o conhecimento dos escritos do Fundador, sua própria vida ou a história do Instituto, analisando a maneira como o Fundador se apoiou no mistério de Deus, na passagem evangélica ou no aspecto particular da vida de Cristo e onde encontra sua inspiração para buscar a Deus e para trabalhar apostolicamente.

Quando se faz uma leitura transversal dos escritos do Fundador com o objetivo de conhecer qual é esse ícone, é necessário observar, demoradamente, qual é a intenção

[25] "Experiência mística é experiência em contexto religioso que é imediatamente e sucessivamente interpretada pelo sujeito como encontro com a última realidade, em forma não-racional, e gera um senso profundo de unidade e de vida durante a experiência em um nível de ser diferente do ordinário". R.S. Ellwood Jr., Mysticism and Religion, New Jersey 1980, p.29.

[26] "O termo espiritualidade indica uma orientação completa da vida cristã: aspecto preferencial da santidade, meios de consegui-la, tanto sacramentais quanto ascéticos, formas de apostolado e de presença. Define formas de vida cristã e de vida espiritual". Idem pág. 502.

recorrente pela qual o Fundador quis levar adiante o desígnio que Deus lhe pediu. Não podemos imaginar de outra maneira que é Deus mesmo que pediu a ele através das circunstâncias históricas específicas [27], mas, não foi *um deus* genericamente falando. Bastará ler os escritos e perscrutar a voz do Fundador do Instituto para conhecer qual é o mistério de Deus, a passagem evangélica ou o aspecto particular da vida de Cristo do qual se serviu para levar adiante a obra que Deus, um Deus muito particular, lhe pedia. Quem lho pede, ou sob qual inspiração fundará o Instituto - as intenções das quais fala Perfectae Caritatis [28] - repetir-se-ão ao longo dos seus escritos; porém, talvez, com maior intensidade se encontrará esta inspiração no início da obra, nos momentos de crise, de perseguição ou de provação e até o final de sua vida terrena. Esta inspiração de Deus se desenvolverá ao longo de toda a história do Instituto, na medida em que cada um dos membros faça seu este ícone. É verdade que Deus chama as almas de distintas maneiras e de forma misteriosa. Não se trata, nem é possível que assim aconteça, de repetir a mesma experiência do Fundador no que se refere à forma e ao modo como Deus o chamou. Porém, para viver de acordo com a vida do espírito querida pelo Fundador, é necessário que a pessoa consagrada comece a se identificar com o mistério de Deus, a passagem evangélica ou o aspecto particular da vida de Cristo, através dos quais Deus permitiu ao Fundador fazer a experiência do espírito.

Deus continua chamando, ao longo da história, homens e mulheres para fazerem parte de uma família religiosa, se bem que o faça respeitando as diferenças de cada um deles e através de formas externas diversas. Fá-lo para reunir essas pessoas, suas inteligências, suas vontades e seus afetos sob um único carisma, de tal forma que a realidade espiritual, através da qual doou o carisma, pode chamar e interpelar constantemente todos os membros do Instituto de todos os tempos. Quando não se leva isto a cabo, isto é, quando não se conhece ou se esquece o mistério de Deus, a passagem evangélica ou o aspecto particular da vida de Cristo no qual se fundou o Instituo, surgem vários escolhos.

Em primeiro lugar, temos aqueles Institutos que substituem esta realidade sobrenatural, este ícone, por uma realidade meramente humana ou natural. São aqueles Institutos que, longe de viver uma vida do espírito, seja como pessoas, seja como Instituto, acabam numa

[27] Para aprofundar este aspecto histórico da origem do carisma, recomendo a leitura do meu livro O DESPERTAR DO CARISMA, Ed. Art, Roma, 2007.

[28] "Reverte em bem da Igreja que os Institutos mantenham a sua índole e função particular; por isso, sejam fielmente aceitos e guardados o espírito e as intenções dos fundadores bem como as sãs tradições, que constituem o patrimônio de cada Instituto". Concilio Vaticano II, Decreto Perfectae caritatis, 28.10.1965, n. 2b.

vida meramente natural. Perdendo a constante referência à visão sobrenatural, caem, seja em um trabalho exasperado, rotineiro, extenuante, como num trabalho que filantropismo, luta pelos assim chamados direitos humanos, quando não, inclusive, contra esses mesmos direitos humanos [29].

Outro escolho em que podem cair os Institutos ao não terem como ponto de referência o mistério de Deus, a passagem evangélica ou o aspecto particular da vida de Cristo, isto é, a realidade sobrenatural do ícone, é o fato de que chegam a ter obras que não correspondem à intenção do Fundador. As obras apostólicas são o reflexo da experiência espiritual que foi o motor fundante do Instituto, experiência feita pelo Fundador e compartilhada por seus discípulos. Esta íntima conexão é a que dá vigor às obras, pois, na medida em que participam das intenções do Fundador, nessa medida florescerão e terão vigor. Porém, quando a realidade sobrenatural é esquecida ou empalidecida, logicamente se seguirá como consequência que as obras apostólicas não responderão à referida realidade sobrenatural, de tal forma que o mistério de Deus, a passagem evangélica ou o aspecto particular da vida de Cristo não poderão conduzir a obra, nem a obra poderá alcançar as intenções que se encontravam na tal realidade sobrenatural.

QUANDO SE VIVE BEM...

Conhecer e viver o mistério de Deus, a passagem evangélica ou o aspecto particular da vida de Cristo a nível do Instituto e a nível pessoal permitem à pessoa consagrada e ao Instituto moverem-se sempre no plano espiritual, entendido como vida do espírito. Busca-se dar vida às intenções do Fundador e não apenas fazer um trabalho de voluntariado ou de assistência social. Busca-se ter a Deus como centro da vida e como motor de toda a existência e não deixar somente para a oração os momentos de se relacionar com Ele.

Todo este tipo de vida – que podemos chamar com lucidez espiritual e que abarca as três esferas da vida humana já mencionadas: a esfera física, a esfera psíquica e a esfera espiritual – dá ao consagrado a possibilidade de fundamentar toda a sua vida nas realidades que transcendem esta vida e que a fazem substância da vida. Não se buscam apoios ou pseudo-apoios ao que deve ser o viver sempre de frente para Deus. O consagrado, ao buscar fazer em sua vida a experiência do espírito, vive o projeto de sua vida permeada pelo carisma.

[29] Como exemplo, basta um ponto: o que pensar daqueles Institutos que, sistematicamente, contradizem as instruções do Papa ou dos Pastores em apoio e em nome de uma suposta liberdade de consciência?

Este tipo de vida, lutando em todo momento por levar a cabo a experiência do espírito, dá a possibilidade de viver em um clima de oração, isto é, sempre de frente para Deus, sem por isso se esquecer das realidades terrenas, senão, como dissemos a respeito de hierarquizá-las de acordo com o que Deus pensou para o que é o fim último do homem. "O crente simples fala e escuta Deus com toda a sua alma, vida e coração, sem pensar ao mesmo tempo que está rezando. Oração invejável, que nós – pessoas de cultura -, dificilmente conseguimos realizar" [30].

O consagrado que, verdadeiramente busca realizar em sua vida a experiência do espírito, coloca sua atenção em alguns aspectos importantes que lhe permitirão ser guia para os leigos na vida do espírito. Em primeiro lugar, em sua relação com Deus, que não será uma relação hipotética ou baseada em devoções particulares. Ele busca, antes de tudo, fazer pessoal a experiência do espírito do seu Fundador, entendido como uma forma de captar e de viver o mistério de Deus, a passagem evangélica ou o aspecto particular da vida de Cristo que deu origem ao Instituto e que é a intenção primeira do mesmo. Nisso coloca sua atenção espiritual e busca se configurar, compartilhar e viver esta realidade espiritual, até fazê-la substância de sua vida. Desta forma, estará capacitado para poder dirigir os leigos na busca daquelas verdades que permanecem e não passam, isto é, poderá assinalar como meio para viver a esperança, as realidades eternas que ela experimentou em primeira pessoa. Em segundo lugar, o consagrado que se cansa e luta por fazer em sua vida a experiência do espírito, passará facilmente da oração à ação; e mais: fará da ação a continuação da oração e levará para a oração o que viveu na ação. E isto, porque sua ação não é uma ação maluca, mas uma ação que tende a um fim, isto é, a tornar realidade a experiência do espírito que o Fundador deixou como herança.

Cada aspecto de seu agir no apostolado, na comunidade ou em particular, desde o mais simples ao mais complicado, de maior ou menor envergadura, social, apostólico ou espiritual o viverá sempre como um meio para que possa levar a cabo a intenção do Fundador, isto é, a experiência do espírito. Assim, vivendo desta forma, o consagrado poderá ensinar aos leigos a possibilidade de hierarquizar as realidades terrenas e as atividades, vendo-as como meios para alcançar as últimas realidades, cumprindo-se o que Bento XVI sugeriu como meio para viver a esperança: "Toda a ação séria e reta do homem é esperança em ato. É-o antes de tudo no sentido de que assim procuramos concretizar as nossas esperanças menores ou maiores: resolver este ou aquele assunto que é importante, para prosseguir na caminhada da vida; com o nosso empenho contribuir a fim de que o mundo se torne um

[30] Federico Ruiz, op.cit., p. 244.

pouco mais luminoso e humano, e assim se abram também as portas para o futuro. Mas o esforço quotidiano pela continuação da nossa vida e pelo futuro da comunidade cansa-nos ou transforma-se em fanatismo, se não nos ilumina a luz daquela grande esperança que não pode ser destruída sequer pelos pequenos fracassos e pela falência em vicissitudes de alcance histórico. Se não podemos esperar mais do que é realmente alcançável de cada vez e de quanto nos seja possível oferecerem as autoridades políticas e econômicas, a nossa vida arrisca-se a ficar bem depressa sem esperança. É importante saber: eu posso sempre continuar a esperar, ainda que pela minha vida ou pelo momento histórico que estou a viver aparentemente não tenha mais qualquer motivo para esperar. Só a grande esperança-certeza de que, não obstante todos os fracassos, a minha vida pessoal e a história no seu conjunto estão conservadas no poder indestrutível do Amor e, graças a isso e por isso, possuem sentido e importância, só uma tal esperança pode, naquele caso, dar ainda a coragem de agir e de continuar. Certamente, não podemos «construir» o reino de Deus com as nossas forças; o que construímos permanece sempre reino do homem com todos os limites próprios da natureza humana. O reino de Deus é um dom, e, por isso mesmo, é grande e belo, constituindo a resposta à esperança. Nem podemos – para usar a terminologia clássica – «merecer» o céu com nossas obras. Este é sempre mais do que aquilo que merecemos, tal como o sermos amados nunca é algo «merecido», mas um dom. Porém, com toda a nossa consciência da «mais valia» do céu, permanece igualmente verdade que o nosso agir não é indiferente diante de Deus e, portanto, também não o é para o desenrolar da história. Podemos abrir-nos nós mesmos e o mundo ao ingresso de Deus: da verdade, do amor e do bem. É o que fizeram os santos que, como «colaboradores de Deus» contribuíram para a salvação do mundo (cf. *1 Cor* 3,9; *1 Ts* 3,2). Temos a possibilidade de livrar a nossa vida e o mundo dos venenos e contaminações que poderiam destruir o presente e o futuro. Podemos descobrir e manter limpas as fontes da criação e assim, juntamente com a criação que nos precede como dom recebido, fazer o que é justo conforme as suas intrínsecas exigências e a sua finalidade. Isto conserva um sentido, mesmo quando, aparentemente, não temos sucesso ou parecemos impotentes face à hegemonia de forças hostis. Assim, por um lado, da nossa ação nasce esperança para nós e para os outros; mas, ao mesmo tempo, é a grande esperança apoiada nas promessas de Deus que, tanto nos momentos bons como nos maus, nos dá coragem e orienta o nosso agir" [31].

Terminei de traduzir aos 13 de fevereiro de 2011.

Material de estudo e partilha do Curso de Pastoral no 1º. semestre de 2011.

[31] Bento XVI, Carta encíclica Spe salvi, 30.11.2007, n. 35.